

Antônio Sabino da Silva
Imbra
1975

tríptico



arte-poesia crítica

9

RES
2364A

C O I M B R A

UM IDÍLIO ATRAVÉS DOS PIRENÉUS

Aqui vamos ambos, cabeça à viração, o corpo dela confiadamente encostado ao meu, subindo ambos as lombas pequeninas e onduladas e os pináculos lanceolados de dois mil metros; acarinhando aquele jerico que, filosoficamente ocupado consigo, nem para nós fita as orelhas; sonhando com a casinha branca que além está entre árvores e nos conjura ao amor e à serenidade. Cotovias que se banham na labareda espacial do sol, de-certo cantando, nebris que coroam os morros altos com o diadema fugaz dos seus vãos, o meu olhar e o dela, entrançados, os estiveram prendendo.

— *Oh! c'est merveilleux! Il faudrait avoir des ailes comme les oiseaux; non il suffirait d'être libre comme les oiseaux et pouvoir aller où bon nous semble* — exclama com voz jovial.

— *Oh oui, rien de plus triste que l'homme prisonnier de l'homme!*

— *Tout au moins, quelle gêne!* — tornou-me com uma bela atoeiteza que lhe ignorava.

— *C'est un problème à nous...*

— *Très rarement...*

Desprevenidamente, ao fio dos versos de Prudhomme, continuámos a discorrer em francês, que foi — disse-me ela — a sua língua de berço. E no idioma do *franc-parler*, tão avêssio ao esforço e ao constrangimento, apareceu-me Geneveva transfigurada. Até ali fôra uma mulherzinha incerta, com raciocínios cândidos e locução tímida, a fugir para o regaço da mamã. Queria parecer séria e era afectada; erguia-se em tacões de senhora e ficava pequenina no jeito e pueril no pensamento; revestia-se de modos largos de sociedade e era, sobretudo, colegial. Ainda que lhe desse o tratamento de dom, meus olhos teimavam em ver nela um delectável *Chaperon Rouge*.

Imprevistamente, só com falar em francês, a língua breve, lúcida, que coage o pensamento à rectidão e lhe empresta asas para voar, se guindava à maioridade com tôdas as ternuras, tôdas as malícias, todo o carácter da mulher. Já a sua palavra não era reticente, nem o seu espírito indeciso ou medroso. Dir-se-ia ter encontrado a neuma a cujo ritmo marchavam em forma impecável, nas Panateneas, as raparigas gregas.

Como uma roupagem larga, pesada, talar, assim a embarçava a língua portuguesa nos movimentos de sua alma bisonha. Feita por teólogos e pregadores, poetas melopaicos e homens rudes, devia tê-la eu já sen-

tido a acalcanhar-lhe a personalidade, a obrigá-la, como censor ou aia devota entulhada de rapé, a permanecer de saia curta e cabelos em trança, em despeito do instinto, desperto ao turbilhão da vida.

Assim surpreendi em delicto de carência a língua que me deu primeiramente os sinais do mundo, embalada nas águas e cantada nos montes, devaneadora a mais, especulativa a menos, um pouco vulcânica, ainda a alancear mouros e a converter judeus. Nela a gentil adolescente ficava um botão de rosa, mal entreaberto e com um perfume leve, tenuíssimo. Na francesa, pelo contrário — inimiga do acanhamento pela impessoalidade que transmite à expressão oral, segura na polidez para reçar o deslize de mau gosto, com uma probidade que guarda da hipocrisia e raro falha ao que se quere, civilizada, tão civilizada que atingiu o ponto morto do seu apogeu — Geneveva desabrochava mulher feita, dez vezes mais sedutora.

Já não tinha cobardia em ser coqueta; já não hesitava nas passagens árduas da sinceridade; já tôda a flexibilidade do seu espírito balouçava ao calor do meu espírito como vime ao vento. E era franca, sem descer a desenvôlta; voluptuosa, sem deixar de ser casta; tinha sal, mas o sal moderado da Escritura. E agradei ao *preux* e aos trovadores, às preciosas e às cortesãs, ao *faubourg* e ao palácio, aos Voltaire e aos Anatole ter criado por engenho e arte o instrumento maravilhoso através do qual a alma se filtra nua e clara como o sol por uma vidraça.

E, mediante a *fala* expedita, também eu me encontrei à vontade para desafogar do alvoroço que me tomara. Primeiro com galantaria, brincando, num simulacro de ânimo leve, como se a escolhesse para alvo numa batalha de flores. Depois, com seriedade, com ternura, com embevecimento, como se há meses e não horas nossos olhos se andassem falando. A minha voz era trémula mas o meu espírito afoito, levado por vereda direita. E a divina adolescente, que de principio me ouvia folgadoamente, baixou os olhos e na púrpura da sua face e nos monossílabos, quasi múrmuros, se me confessou rendida.

O *je vous aime* não veio aos meus lábios nem aos dela. O *je vous aime* ficaria para quando nossas bôcas se unissem. Por agora ficava-nos uma certeza: nela, do meu amor intenso, inquebrantável; em mim, do seu seio desperto para o ritmo novo da emoção nova. E a sua mão aceitou a minha e, a furto, seus dedos se torceram contra os meus e falaram.

Desde aquele instante, o mundo mudou para mim e eu com o mundo. *Oh! la vie était bonne*, e eu bem assente na vida, ditoso, forte, alheio aos negros pensamentos da minha suspeitada decrepitude!

A quebra que vem após a corrida para a felicidade, a beatitude absorta que sucede a um gozo espiritual, por muito tempo nos levou silenciosos, olhos perdidos ao longe, par a par, como dois noivos que, batendo a mesma pulsação, nada têm que se dizer.

Ladeiras de verde relva ou de rechinado restólho, à sombra de altos penhascos, vão sempre perpassando. Aldeias de poucos fogos lançam-nos seu sorriso pintalgado de entre hortas e pomares, onde a água, ora a borbotar nas aspas dum moínho velho, ora a esbracejar, de lima, num campo de pastagem, faisca branca e pura como freirinha atarefada. Ainda reluzem nos muros dos cômoros e nos mainéis dos alpendres os ventres róseos e lácteos das abóboras; ainda, num quintal soalheiro, duma haste longa e esfolhada de cucurbitácea, desabrocha a grande flor amarela, mais doirada e fantástica que o gral de Monserrate. Por sôbre montes e terras de cultivo, casalejos e fábricas, a meus olhos deslumbrados, o sol é mais que luz; tem personalidade táctil. Não o vejo na mesma plana que as mais coisas da criação; parece-me antes que essas coisas, essas serras, essas leiras e balsas foram feitas para o sol passear, sentir, gozar, como domínio seu, apenas seu. E eu vejo o sol em sua corporeidade adorável de *misser* com os olhos da cara como S. Francisco com os olhos da alma. Desce do céu? Sei que anda na terra. Está a ver-nos; está a ver que o observo. Leva as arvores no ar; sim, é êle que leva no ar, como andores, êsses choupos, êsses salgueiros, todos os *verdes pinos*. E, voltado para nós, a sorrir como um grande e lampeiro sátiro, diz-nos também: Sejam felizes, seus namorados!

Em Zumárraga — *gare* branca atulhada dum mosqueiro de sotainas pretas — uma casa na colina atrai nosso pensamento às doçuras presumíveis dos noivados. Os horizontes dilatam-se a perder de vista através de largos côncavos sinuosos. Desdobrando-se por êles fora, a floresta dá-lhes a aparência de lagos, em que as águas dormitam a sono morto, imperturbado. Lá longe, a onda vegetal desfaz-se em tufo, arraiais, procissões de arvores, contra o flanco duma das moles pirenaicas, enfarinhada pela poalha branca, que sôbre ela vai joi-

S O N E T O

Homem! — por entre sombras e pecado,
 Quedas, esquecimento, ausência escura,
 Não és sombra sòmente, só clausura,
 Esfôrço inútil, sonho atraído.

No coração do Mundo, inviolado,
 Há mais beleza ainda. Na luz pura
 Mistérios virgens. Cada criatura
 Leva em si um arcanjo ignorado.

Pecas? — Redimirás o teu remorso.
 Queres subir? foi vão o teu esfôrço?
 Queres ser bom? — és outra vez Caim?

Ergue-te! Não descanses! Não descreias!
 Rasguem-te embora os pulsos as cadeias,
 Cerque-te a noite, a escuridão sem fim!

Dezembro 1924.
 Alto Congo.

AUGUSTO CASIMIRO.

S O N H O

Já meus cinco sentidos apagados,
 Meu corpo feito bronze de escultura,
 Um clarão de Creúsculo fulgura,
 E vejo um Luar de mundos ignorados.

E mares e rios, serras, vales e montes,
 Tudo que fica a uma distância infinda,
 Abranjo-o para Além (e mais ainda...)
 Da transparência azul dos horizontes!

Já não sou eu em carne de martírio;
 Sou nevoa irreal esparsa em Luz divina,
 Enmanação subtil de rosa ou lírio...

Sou a sombra de Deus e Luz de mim:
 Vou para onde a alma se destina,
 Com saudades do mundo donde vim!

CAMPOS DE FIGUEIREDO.

C A N Ç Ã O

Tardinha plaina em que te vi, de encanto,
 Vulto piqueno de andorinha nova.
 É primavera!... Tudo se renova
 E surges tu envôlta neste canto.

Meu sonho tomou corpo... Oh! minha trova,
 Ergue louvor neste momento santo!
 O céu azul envolve-te num manto,
 Ficas etérea, como a lua-nova!

Oh! Deus que vens dar flor às macieiras
 E floriste os meus olhos com seu vulto,
 De amor seja florido aquele seio!

...**B**randinho como o fumo das lareiras
 — Muito brando, brandinho... Que de oculto,
 Seja florido todo o meu enleio...

Primavera de
 1 9 2 5

LUÍS GUEDES DE OLIVEIRA.

SENHORA DA ALAMÊDA

É à hora saudosa da Alamêda
 Que aparece pizando o claro-escuro
 Aquela, tôda bruma, triste e lêda,
 Que entre as sombras dos Plátanos procuro.

Aquela que me traz em labarêda
 E é o nome de amor por quem eu juro;
 Bela canção de dôr que me degreda,
 Cantar, — chôro de fonte em que eu murmuro.

—**E'** sombra, e dá-me sol, febre vermelha!
 E dá-me sêde, amor, e sinto fome
 Do mel silvestre que alimenta a abêlha!

—**S**enhora da Alamêda! A mim bastou-me
 Só ver-lhe a sombra... E já o luar espêlha,
 E a noite em saudades me consome.

AFONSO DUARTE.

T R I U N F O

Um dia, as expressões que eu hoje emprego
 Serão palavras grandes e leais;
 E estes olhos que eu trago — olhos de cego —
 Hão-de espelhar o sol como os cristais.

Um dia, êste meu vão desassossêgo
 Será sêde a beber cada vez mais...
 E as minhas asas negras de morcego
 Hão-de subir como as das águias reais!

Um dia, o dominó que me mascára
 Há-de cair-me aos pés; e eu hei-de erguer-me
 Num trono de Miséria e de Desgraça.

Todos, então, me voltarão a cara...
 — Mas eu, que vi um rei nascer dum verme,
 Hei-de esgotar, triunfando, a minha Taça!

JOSÉ RÉGIO.

SONETO DA ROSA

Se me recordas, entristeço e faço
 porque o teu vulto sensual me esqueça,
 e o teu olhar, a tua bôca e essa
 graça de garça que tu pões no passo.

Sonho... — fumo esgarçando-se no espaço —
 — nas mãos, em concha, amparo-te a cabeça...
 e, sem que a minha bôca desfaleça,
 beijo-te a bôca e cinge-te o meu braço.

Já, no jardim deserto da tristeza,
 vens aos meus olhos como a luz acesa
 que uma penumbra dolorida apaga...

Vai-se extinguindo o meu desejo... Olha,
 tu fôste a rosa que, ao abrir, se esfolha,
 nuvem perdida que no céu divaga!...

BRANQUINHO DA FONSECA.

RAÚL BRANDÃO E «OS POBRES»

« Os Pobres », que Raúl Brandão acaba de dar novamente à estampa, pertencem à trilogia de obras por êle denominada *A Vida e a Dor*. *O Humus*, já publicado, e *A Noite*, em preparação, completam-na.

A mesma vida e idêntico sofrimento se agitam em cada uma delas, sofrimento e vida que o escritor concentrou em meia dúzia de figuras, de cujas bôcas pôs a correr seu rio de improperios, sua levada de desesperos. O Gábiru, o Gêbo, o Pita, Sofia e a Mouca, tôda uma dinastia de mulheres perdidas e vagabundos que há séculos reinam na sombra, eis o mundo que em *Os Pobres* pulula. A um lado o denegrido prédio em que habitam estas criaturas, ao outro o hospital escancarado e a negra terra de peito aberto para recebê-las. Num saguão uma emparedada árvore alimenta de ternura as amarguradas pedras e estende os trémulos braços ao Gábiru, que julga ver nela o seu amor. E, do rés do chão à trapeira, a mesma desmedida miséria, os mesmos represos gritos, o mesmo concentrado sonho. Impetuosa enxurrada esta da existência faminta, calcada, caminhando não sei para que distante e ignorada praia « onde as mãos esqueléticas dos que sofreram encontram enfim a mão que os ampara »! Será a misericordiosa mão de Deus que o escritor inculca? Parece-me ser ela um dos fios de que sua obra é tecida: surge-nos no sub-solo das almas, imponderável quási. Onde maior o descalabro, onde mais brutal a dor, logo ela lá está, invisível, abrاندando e dulcificando. Raúl Brandão em cada obra escrita cria um mundo, mundo que estremece e a cada instante transfigura. O de *Os Pobres* vive na sombra. É o mundo de que apenas conhecemos a mão saindo da noite a implorar. Em o *Humus* esta mesma humanidade se agita, mas mais puida, mais grotesca, sonhando quiçá mais alto e mais alto mostrando suas mesquinhas entranhas. Que o escritor é tal qual o Senhor-Nosso, dum lado erguendo, do outro baixando a manta com que cobre suas criaturas. Ora mostra suas celestes faces, ora suas terrenas imagens. Somos esculpidos nesta dualidade. Por maior que seja o engenho do estatuário, sempre o barro transparece a atestar nossa linhagem de simples filhos de Adão. A alma do autor da *Farça* assemelha-se à água, por onde passa, deixa sinal de seu trânsito. Tôdas as imagens que gera são espelhos

da sua. Por vezes afigura-se-me vê-lo, até, na carcassa do Gábiru, quando, ao fechar-se em sua estreita mansarda, exclama: « Vou idear! ». Mais ou menos é êle que passa, como abrasador clarão, por tôda aquela humanidade.

Sofre com o Gêbo a impotência para a vida e, na trágica noite, sente-se amarfanhado no corpo do Ladrão, escutando, ao pretender lançar à bôca das ondas o tenro corpinho de criança, a palavra « Pai »! Tudo em sua obra vive, sonha, se desgasta e morre à mercê de seus desígnios. Transfigura e revolve tudo: revolve-se a si e aos outros. É lendo-o que venho a acreditar sermos todos estruturalmente idênticos. Só o ambiente em que somos nados e depois vivemos, a educação, enfim, nos diversifica. Raúl Brandão, sou em crê-lo, não demora muito os olhos na contemplação de outras almas que não sejam a sua. É mais poeta que romancista, embora escreva romances e não versos. E, como poeta que é, arranca das entranhas a vida que reparte tal-qualmente a ave pelicano. De mistura com as penas ainda vem a terra que ama e o sangue do coração, sendo assim suas figuras, ao tempo que angélicas, terrenas; que celestes, humanas. São desdobramentos de personalidade e nada mais. Volto a dizer que o escritor se esconde na carcassa do Gábiru. A' sua semelhança, mal conhece o mundo e constrói mundos, mal viu ao pé uma árvore e disseca-a até às raízes, mal amou e é capaz de morrer de amor. « De realidade e de sonho arquitetamos as figuras que se misturam na nossa vida. Elas existem mais pelo que lhes damos de nós mesmos do que pelo que na realidade são », monologa o singular filósofo, encolhido em sua trapeira. Eis, parece-me, uma confissão do mesmo escritor. Mas, se tôda a humanidade que em suas obras mora se lhe desentranhou do próprio ser, que extraordinária alma a sua! Imagino-o, às vezes, um indisciplinado deus, de mãos encardidas do barro e camarinhas de suor borbulhando na fronte majestosa. Seu jeito desordenado de escrever revela sua divina potência. Aqui um bocado, além outro, mais ao diante ainda outro, e tudo ligado por invisível corrente, imponderável teia. Um indisciplinado deus êle é, em verdade, um deus que deixou perder da ordenada fábrica dos mundos qualquer ínfima engrenagem reguladora. *Ao principio era o verbo*, a ordenação na gênese dos seres; perdida que foi, porém, a minúscula peça, tudo nesse enge-

nho se alterou e, ao criador, jámais volveu a apolínea serenidade na criação. É êste jeito inarticulado de escrever e aquele profundo penetrar no mistério que o enreda e nos enreda, que lhe dão lugar isolado em nossa literatura. Sua linguagem é diferente de tôdas as linguagens, sendo a mais ingénuo e natural. Não é a língua de raízes no cérebro nem outrossim no coração, mas a língua nascente do próprio ser, a sonoridade da mesma consciência. Escreve tal qual sente, sem meditar longamente nas asperezas do leito em que vai lançar a água de sua linguagem. Pedras, leves detritos que em seu seio correm, vidas que vivem de sua vida, tudo lá vai levado naquele rio de curso ora doce como o das lágrimas ora vertiginoso como o dos oceanos. E nesse trânsito de humaníssimas vozes nos esquecemos da pobreza de vocabulário e da quási sempre igual construção sintática. Ao autor de *Os Pobres* perfeitamente se ajustam estas palavras de Vogüé, a propósito de Dostoievsky, no prefácio do livro « *Souvenirs de la Maison des Morts* »: « *le grand intérêt de son livre, pour les lettrés curieux de formes nouvelles, c'est qu'il sentiront les mots leur manquer, quand ils voudront appliquer nos formules usuelles aux diverses faces de ce talent* ». Em verdade, difícil se torna julgar o talento de Raúl Brandão, como o de Dostoievsky, à face dos vulgares cânones. Fogem a qualquer classificação. O escritor português participa dalgum modo do lirismo peninsular e dêsse singular religiosismo que caracteriza o génio russo. Incapaz de compor, seus romances como seus livros de impressões tornam-se longos monólogos, infindáveis colóquios de almas ou consciências. Lembram fundos poços em que se ouvisse sempre o eco das mesmas vozes e sempre se contemplasse o reflexo das mesmas estrélas. Vozes e ecos que com serem constantes não deixam de ser grandiosos. Falta-lhes, no entanto, aquele sinuoso caminhar de vidas, que, pelos variados sucessos, pelos imprevistos encontros, dão os lances dramáticos e tornam as obras literárias verdadeiras figurações do mundo real. *Os Pobres* é, assim, o eco dos gritos que uma levada de miseráveis solta na imensa noite, e Raúl Brandão o profeta dêsse deus que não subirá ao Calvário, antes a êle descerá, a-fim de enxugar a fronte dos que têm sede de justiça e fome do suavíssimo verbo amar.

(Cont. da pág. 2 — UM IDÍLIO ATRAVÉS DOS PIRENÉUS)
 rando uma nuvem vaporosa. Mas já a partir daquele côncavo as matas vão escalando umas após outras as ladeiras em anfiteatro, escuras aqui, baças além, até se esfumarem na distância ao dobrar a corcova dos morros, para formarem novos degraus de outros novos anfiteatros. Por cima das imensas balsas, os oiteiros calvos, os vértices lanceolados, chispam uma luz crua de Sinai. Nas faldas cresce pontuada de arbustos uma erva verde, duma tinta tão fresca e mimosa que nem rodapé de veludo acabado de tecer.

— Os horizontes de Rocesvales!
 — exclama uma voz à nossa espalda.

E' o pai de Genoveva e a sua mão ergue-se a apontar os fuminhos longínquos que tremeluzem para lá da galopada dos montes.

Roldão, Angélica, Oliveiros e o Arcebispo, o desfiladeiro funesto onde *halt sunt li pui e tenebrus e grant, li val par funt e les erves curanz*, pouco podem no êxtase visual em que se projecta e vagueia nossa alma incendiada. Um bocejo mal sofrado, e o architecto fecha a sua Canção de Gesta para voltar à abstracta quietude da banquetta.

O comboio vai cauteloso por um troço da via em reparação, tropeando nos railhes com a ligeireza folgada dum menino, a saltar de chulipa em chulipa. Como em todos os monstros da brusquidão, há também nêlê uma reserva de delicadeza. O penacho de fumo rasteja pelas rampas, esfarrapa-se nas urzes orvalhadas e fica a oscilar em flocos de algodão entre prender-se à terra e subir ao céu. Apita a locomotiva e os abetos e os piornos parecem escutar. Más lá se passa a ravina, e esgalgando-se na recta, as cem rodas batem um compasso endiabrado. Cortamos em diagonal a chapada dum monte, no sopé do qual se avista um ribeiro correndo a bom correr, por entre alas de choupos, para um valezinho, como prato de Delft, azul e esmaltado. Hortas, perfis acutângulos de casas, ruas em quincôncio: uma aldeia. Cabeças de mulher às janelas, vultos moventes, bandos imóveis... e outra vez a serrania com bouças tapetadas dum verde muito terno e coscoros de rocha bruta.

Como me seria agradável ter nascido, viver, morrer nestas paragens, domar o solo fugidio, jogar a pelota, amar num *pueblo, allá, lejano*, uma Genoveva, para ver a qual fôsse preciso vadear torrentes

e geleiras e desafiar os ursos, se ursos magnificam ainda esta comarca assombrosa!

Comunico à jóia das jóias a aspiração de minha alma, enamorada dela e da natureza pirenaica, e ouço-lhe exclamar, alegre como a coto-via que além se banha na morna chama do sol:

— Também eu gostava!

— Mas eu só gostava consigo...

A sua bôca não me responde, mas a mão aperta a minha, e diz-me que sim, que só comigo, de noite e de dia, na dor e na ventura... por todo o sempre.

Inédito das *Filhas da Babilônia*, 3.^a ed. no prelo.

AQUILINO RIBEIRO.

(Cont. da pág. 4 — UM POBRE NOMEM)

riosa, dêles próprios. Só eu corria vamente atrás dum carro, até me estatelar, reclamando:

— Mais um, sr. guarda-freio. Está aqui um passageiro que quer contribuir para o gozo do patronato, para as suas mulheres e automóveis. Sou jornalista. Venâncio Gomes, repórter da *Terra*, com passe da polícia...

Mas a campainha do eléctrico retinia e o carro bordava uma curva, cantando pressuroso. E entretanto, os meios-tostões em punho, cadetes, moços de fretes e varinas regougavam, involuntários contribuintes das grandes orchatas alheias:

— Lá tenho de ir a butes!

— Que espiga!

— Uma destas!

— O último carro do Dáfundo! Perder o último carro do Dáfundo!

E, filosófico desta exquisita seita, dei eu fundo na travessa da Cara, em cima, sôbre S. Pedro de Alcântara com suas luzes foscas.

— Trago aqui uma *caixa*, um *caixão*! — proclamou de súbito sôbre mim um vulto magro, de sob um casaco puído. Era o Sampaio Conde, que àquela hora, meio alumbrado de decilitros brancos e pitoresco por isso, vinha da rua da Emenda, da redacção da *Terra*. — Mas não a dou ao Carvalho — prosseguiu — que não agradece estas coisas. — Aqui para nós, amigo Venâncio, vou mas é escarrá-la ao *Notícias*, que pode render. Não achas?

— O quê? O que é que tu descobriste, homem de Deus?

E Sampaio Conde sacou do bôlso uma tira, que soletrou dêste gosto:

— Consta que a Companhia Carris vai aumentar as tarifas.

Eu disse:

— Ora sebo! — e segui.

Na rua da Atalaia bati palmas com força e o guarda noturno veio:

— Já vai!

Desembocara dum saguão pertinho, e o rop-rop do seu capotão de oleado era o único ruído da rua. Entrei no meu quarto abafado, com moleza, e comecei a despir-me.

Esse quarto, forrado de vermelho, mobilava-o um guardo-fato de casquinha, um toucador e uma banca. A cama, de boa amplidão e de moleza perfeita, andava sempre com frescas roupas alvas; e

tudo isto, inventariado de relance por mim, ao recolher, era motivo para lhe dar resalto em face às magras posses de que eu dispunha então.

Nessa noite, porém, pensei pouco: abri distraidamente os lençóis e, moído de corpo, deitei-me. Tinha uma vela ao lado, quási gasta. Pela janela da rua da Atalaia, rasgada e ampla, entrava búciamente um coalho de sombra aloirada, vaga, como se fôsse composta do atrito da dor nos prédios. Tudo calado. Apaguei a luz, virei-me, ouvi o carroção do lixo, que passava; uma vassoira rapou... E então o sono, a quem em menino ouvira chamar José Piqueno, pareceu-me realmente qualquer coisa de humano, de pessoal, que se acercava. Um velho gnomo, imundo de percorrer o universo a cerrar olhos, não apresentaria aos surdos sentidos do meu corpo, já meio adormentados, aquele aspecto de coisa mole e suja que me vinha aquietar. De resto, esta tendência a personalizar desgostos era já velha em mim. Criara-me no mêdo vago a duendes, e pelas ruelas de Vilório, à noite, via marchar fantasmas. Estas sombrias entidades formavam a meus olhos uma segunda criação: nasciam de mim, como dum paúl exalações nevoentas, côr de chumbo e de cobre; mas eu contemplava-as em plano de objectividade fria: racional aparentemente; no fundo, porém, trabalhada por um delírio vago e nervoso. Meus fracos nervos, assim, iam alimentando com um mundo mau de espectros a vida vã do meu cérebro. Ria-me dêstes títeres, mas êles também se riam de mim, na sombra.

Nesse dia, os meus desencantos com Serafina, que não eram erros de que a razão desse conta mas só sentimentos gastos em vão e em fumo, convocavam o meu exército de obscuridades. E na modorra da madrugada, naquele sono que encontrava o meu corpo todo pisado e dorido, senti então o barbaçudo velho, guarda do esquecimento. Ali, no Bairro Alto, estava à beira do Letes. Aturdido, porém, por tão vária sorte de quedas, o meu dormir não era bronco e amnésico: era um caos posterior à formação do universo, o fundeadoiro de mil esbarrondamentos. As mãos do papão do sono, esfrelavam-se nêlê cem castelos.

Deram as quatro da manhã, as cinco, e eu ouvia-as bater em minha cabeça com o martelo da vanidade: eram projecções alucinatórias do eu que revertiam mais loucas à origem. Assim dormi nessa noite.

Ao vir da manhã, o pesadelo foi cedendo a um desgosto mais lúcido, apercebido da minha presença na rua da Rosa, 100. Começavam no ar os pregões das varinas madrugadoras, o do homem magro das colheres de estanho e o do *Pirolioli*; passavam na minha rua as priresas carroças brutas. E eu advinha entre os vozeiros crus o regougo das meretrizes, por trás dos lençóis brancos, com retratos de santas nas quatro paredes sujas.

Acordei então e chorei. Uma mágua absurda tomara conta de mim e mostrava-me a dor do mundo: sonhos bons, Serafinhas de casto olhar propicio — oh poeira vã que moía tanto os olhos... Surpreendi-me a chamar em meiga surdina:

— Mãe!...

E pareceu-me que ouvia esta doce voz calmante:

— Deixa lá... Estou aqui.

(Do romance inédito, *O Ithm Venâncio*).

VITORINO NEMÉSIO.

PUBLICAÇÃO MENSAL DE:

número
9
série
3

Afonso Duarte — Alberto Teles de Hutra Machado — António de Sousa — Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de Figueiredo — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões — Luís Guedes de Oliveira — Mário de Castro — Vitorino Nemésio.

Número avulso 2\$00; Série de 3 números 5\$00. Redacção: T. da Rua do Norte, 4

Coimbra
20
abril
1925



“tríptico”

EVA AGGERHOLM
DESENHO

EVA AGGERHOLM, escultora

Há quase um ano que os olhos de Coimbra repousaram em quadros de Vázquez Díaz, do melhor que tem a pintura contemporânea no desenho, predominante e vigoroso, e na côr sempre viva, sempre filha do sol, deus dos pintores que bem se aleitam da luz. Mas parece, tão rapidamente se escoou esse ano, tão débil ficou dos belos quadros, que alguns séculos do-baram depois disso e que o pintor, vivo e são felizmente, pertence à velha geração de artistas que de longe vinham, pelo Renascimento, enriquecer Portugal, aproveitar-lhe o céu, e acrescentar ao património dos Nuno Gonçalves e Grão Vasco, um latifúndio de arte que nos não afrontava, antes envaidecia. Trouxe Vázquez Díaz sua esposa a Coimbra, uma escultora intimista a uma cidade discreta, e pena foi: essa vinda não nos mostrou a nós as suas belas imagens.

Mais feliz porém do que aqueles que, estimando os dois artistas, desesperavam por ver uma exposição de Eva Aggerholm, vi em Madrid a sua obra.

Era um abril chuvoso, e nada melhor se casava à primavera esflorada, ensopada de orvalhos miú-dinhos, do que essas poucas peças de Imaginária fina e como que friorenta, circulada por sensibilidade semelhante à das seivas represas, que vão formar as flores, mas que melhor se comprazem no fluxo de fôlhas e troncos. Falo de Eva Aggerholm, escultora, por mero prazer independente, ainda que por gratidão pudesse também falar, pois alegrou, com uma imagem de saborosas linhas, o interior do meu primeiro livro. É um desenho a que me refiro, já por gosto, já porque está mais perto dos olhos de quem me lê. Outro documento da artista se guarda em Portugal: a reprodução da *Niña de la cabellera grande*, na revista *Contemporânea*; e se esta dá a maravilhosa harmonia das linhas mais favoritas de Eva — as que traduzem pudor da forma nua, defesa dos volumes plásticos ou leve desgosto de expô-los — o desenho do meu livro acen-

tua a feição e alegoriza, ainda que num esboço, o recato da imaginária. É difícil encontrar entre os artistas plásticos alguéna que, mais do que Eva Aggerholm ou talvez tanto como ela, mantenha uma obra de pura unidade escultural, preocupada com um termo remoto de expressão — quiçá cada vez mais remoto — em que a coisa a exprimir caminha direita do mais fundo da vida. A *Madalena*, o *Monumento Funeal*, a *Niña*, não são expressões intelectivas em que a razão trabalhe, guiando os meios mecânicos de que se socorre a escultura; inteligência sim, há nessas peças, mas resultante da concórdia espontânea de todos os sentidos de Eva, afinados numa atitude essencialmente recolhida e vedada a estranhos como atitude de Esfinge. De resto, não é para admirar que o Egito servisse a instruí-la, Mulher do norte, da pastoril Dinamarca, a escultora como que voga num oceano de surdinas, e é dêle que recolhe com sua rêde sensitiva as formas, elementares como um fiapo de alga, que as suas mãos realizam. Há pouquíssimo de lapidar na sua obra, e também, se místicas são como eu creio, as suas imagens não fazem lembrar as daqueles monges santeiros, tão puristas, que Anatole France nos mostra, no *Jongleur de Notre Dame*, de barba branca sob a poeirada alvadia. Em Eva Aggerholm o ascetismo é mais o de um organista, ou, melhor ainda, ño dizer de Juan Ramón Jiménez, o lirico de *Platero*: ela é *marinera de la escultura*. A saúdade do mar percorre os contornos de cada imagem dela: é como a linha sinuosa que nas praias, depois da maré cheia, retém os sinais do corpo núbil das ondas. E porque não chega à chã castelhana, onde trabalha, o sôpro doce dos ventos mareiros brandos, a sua obra responde a esse silêncio com uma suave música, uma música bastante estranha ao mármore que utiliza.

Vitorino NEMÉSIO

A AVE-MORTA

louvor do sal

«; Adeus p'ra nunca mais!» Cerrei o olhar,
Depois de ver a noite e não ver lua,
Na ave-morta peguei, com meu pesar,
Fechei os olhos e deitei-a á rua.

¿ São as aves de mais para chorar?
Quem é que o diz? Que instinto mo insinua?
; Mas sem aves, sem rosas de tocar,
A vida era tão pobre, era tão nua!

«Morta e presa da vida»! Isto consola.—
«Morta, presa da vida»! — Eis, chega um gato,
Com seu faro de gato, e apanha a rôla.

¿ Para a ave que morreu, qual a moral?
— Não sei se cometi um desacato;
— eu não sei se fiz bem, nem se fiz mal.

Oh salinas de branco à beira-mar!
Onda vestindo azul que foste presa
para o fogo do sol e has-de acabar
em pedrinhas de neve à minha mesa!

Sal que prováste a bôca à bem-amada
quando se soube ao certo do seu nome,
voltas da alma em lágrimas—ficou-me
de prová-las, a boca ressalgada.

Humilde. Oh humilde como a água! Jogo
Teu corpo ao lume e cantas sobre o fogo:
— A' sina de cantar não descontentas.

Tu és, compondo o gosto da comida,
como o amor compondo a nossa vida,
filho do azul do céu e das tormentas!

AFONSO DUARTE.

BRANQUINHO DA FONSECA.